

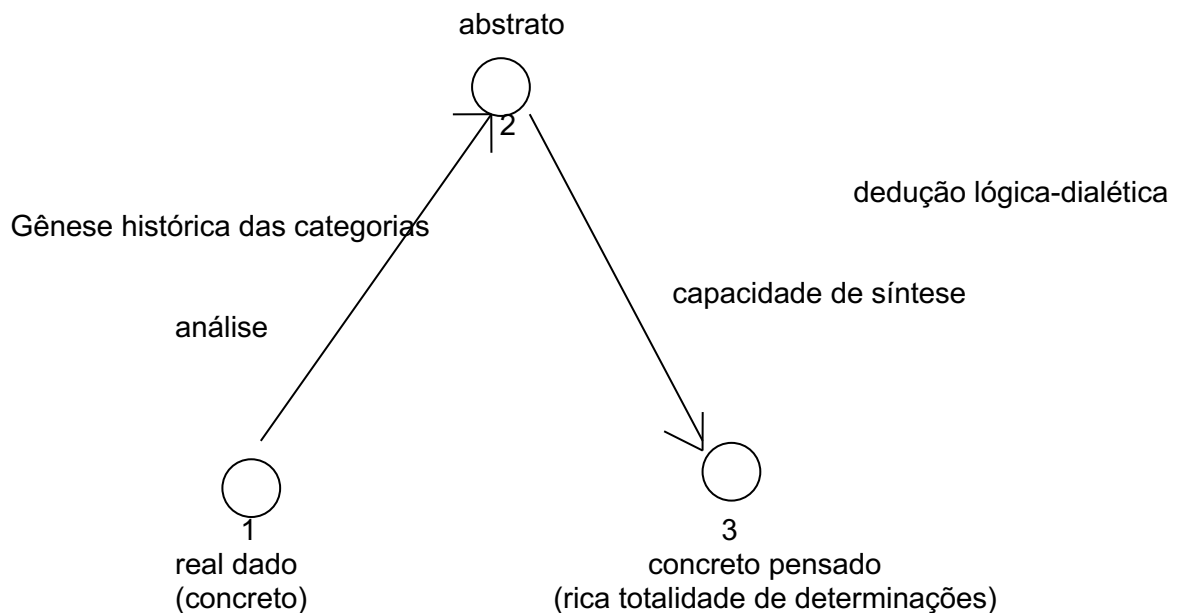
## INTRODUÇÃO

Miriam Limoeiro Cardoso

Aula gravada no Programa de Mestrado em Planejamento Educacional. Rio: Fundação Getúlio Vargas, por José Kuiava, maio de 1985

Trata-se aqui de como Marx entende a produção do conhecimento científico no terreno da economia política. É uma forma, um método, um procedimento novo que Marx propõe para compreender e explicar a sociedade (um país) a partir das categorias mais simples que constituem a sua estrutura interna até obter uma totalidade rica, uma síntese de múltiplas determinações. No fundo, trata-se de como estudar corretamente uma sociedade, principalmente por onde começar, do ponto de vista da economia política.

Para facilitar a compreensão do método de Marx, elaborei inicialmente um gráfico para configurar melhor os dois movimentos que Marx propõe ao método:



Existem dois movimentos nitidamente representados no gráfico e que compõem o método.

No primeiro movimento, parte-se do real dado e através de análises da realidade, por abstração, se atingem conceitos mais simples desse mesmo real. (O abstrato é a forma de explicar o concreto e não como um conceito que determina o real). Essa análise do real imediato afasta cada vez mais os conceitos mais simples da realidade e nos fornece uma representação caótica do real. Essa distorção acontece porque quer apreender o real de forma direta, sem a intermediação da teoria, reduzindo-o a conceitos cada vez mais distantes do próprio real. Marx ilustra essa visão caótica do todo pelo seguinte exemplo: quando queremos compreender um determinado país do ponto de vista da economia política começamos por estudar a sua população, totalidade viva imediata. Porém, adverte Marx, *“a população é uma abstração se desprezarmos as classes de que se compõe”*, e *“essas classes são uma palavra oca se ignorarmos os elementos em que repousam, por exemplo o trabalho assalariado, o capital, etc...”*, e que por sua vez, supõe troca, a divisão do trabalho, os preços, o valor, o dinheiro etc. Assim, através dessa análise, chegamos a conceitos cada vez mais delicados em atingir a totalidade das determinações. Ou seja, sem atingir as categorias mais gerais ou o abstrato mais complexo, que é o concreto pensado.

No segundo movimento parte-se dos conceitos mais simples que o movimento anterior pôde produzir e caminha-se no sentido contrário até chegar de novo à população, obtendo, desta vez uma representação não mais caótica, mas uma “*rica totalidade de determinações e relações numerosas.*”

Uma primeira particularidade que chama atenção neste segundo movimento é o seu apoio inicial teórico: os conceitos mais simples de que parte e a crítica a que os submete, pelo fato de serem calcados na suposição falsa de sua origem concreta direta. essa crítica permite o retorno à realidade, mas não é um simples caminho de volta. É a descoberta das determinações que reconstróem a realidade como uma representação do concreto pensado, uma nova abstração, fruto de um pensamento bem elaborado. Esta é uma segunda particularidade, o concreto pensado, resultado novo, é “a síntese de múltiplas determinações”, ou seja, “unidade da diversidade”. Enfim, é um processo de síntese da realidade que tem como ponto inicial o abstrato e o ponto de chegada um novo abstrato.

Como exemplo desse caminho, podemos começar por estudar os sistemas econômicos partindo de noções mais simples, as categorias que constituem a estrutura interna da sociedade burguesa e sobre as quais assentam as classes fundamentais, tais como o trabalho, a divisão do trabalho, a necessidade, o valor de troca, o capital, a propriedade fundiária, as relações, a troca e assim até chegar ao Estado (os impostos, a dívida pública etc), às trocas internacionais, ao mercado mundial e às crises.

Segundo Marx, este método é evidentemente o método científico correto para compreender um determinado país do ponto de vista da economia política.

## CONCLUSÃO

A realidade social é uma realidade determinada. “*Os fatos sociais são como são por alguma razão.*” O real dado concreto), realidade social, só faz sentido quando se apreende as suas determinações, o concreto pensado.

A pergunta que faço é se é possível estudar e compreender por esse método uma sociedade (país, estado) do ponto de vista político. Ou seja, especificamente estudar o Estado do Paraná atual, seu processo de democratização via plano político, utilizando o método? Ou, se é possível compreender as formas de Estado por si mesmo sem inseri-lo nas condições materiais concretas?

Para a primeira pergunta, sim. Mas para a segunda não, pois, para Marx a análise política sempre implica na análise das “condições materiais concretas” enquanto um conjunto de categorias que podem explicar o Estado do Paraná.

## 1 - DO ABSTRATO PARA O CONCRETO PENSADO

**Miriam Limoeiro Cardoso**

Identifico uma primeira parte, em que se procede a uma discussão geral do método. Apresentam-se dois métodos: um, usual, é o que foi seguido “historicamente pela economia política no seu nascimento”- é descrito no seu procedimento básico, apontando-se o seu equívoco também básico; o outro, que continua do primeiro - no sentido de que utiliza os resultados a que ele permite chegar - é apresentado como sendo construído a partir da identificação dos equívocos do primeiro, e da sua crítica.

“Il semble que ce soit la bonne méthode de commencer par le réel et le concret, qui constituent la condition préalable effective, donc en économie politique, par exemple, la population que est la base et le sujet de l'acte social de production tout entier. Cependant, à y regarder de plus près, on aperçoit que c'est là une erreur. La population est une abstraction si l'on néglige par exemple les classes dont elle se creux si l'on ignore les éléments sur lesquelles elles reposent...”

Este primeiro método está sendo definido como aquele que começa pelo real e que identifica, ou confunde, o concreto com o real. A suposição subjacente a este método, que presumivelmente lhe garante a segurança da objetividade, é o fundar-se no real - base sólida, *condition préalable effective*. No caso da economia, como aquilo que ela trata é a produção, pareceria correto começar a pensá-la - economia, produção - por quem a faz, que é também em que ela se apoia: a população. Supõe-se, pois, que a população é o concreto, ou é o que mais concretamente representa o concreto. O que Marx pergunta é se esse “concreto” assim exposto, faz sentido. E a resposta é não. Por que ele só ganha seu sentido quando a análise vai descobrindo suas determinações. Isto porque a realidade social é uma realidade determinada: os fatos sociais são como são por alguma razão. Há relações específicas que os engendram, eles respondem a uma certa causalidade. Neste sentido, são determinados e, assim, sua explicação só pode ser conseguida quando se apreende sua determinação.

Se a realidade não tem determinações, o mundo é um mundo de fenômenos, completos em si mesmos, que quando muito se articulam uns aos outros. Nesse caso, o estudo não pode chegar propriamente a explicações, mas somente a descrições que precisem cada fenômeno, na sua inteireza e nas relações (de superfície) que mantêm uns com os outros. Mas não é bem isso que fazem os economistas clássicos. Eles partes da totalidade viva, mas procuram analisá-la afastando-se progressivamente do real, por abstração; buscam relações mais precisas e mais simples entre os fenômenos. Chegam sempre a estabelecer “algumas relações gerais abstratas determinantes”. São estas que conferem significado à totalidade viva que tinha sido o seu ponto de partida. O sentido concreto real de que partem não é, pois, já dado, mas sim adquirido - e adquirido pela ação do pensamento, na abstração. Se a análise que aqueles economistas empreendem tem algum valor, este deriva da suposição, que certamente é a sua, de que as relações gerais abstratas descobertas ao fim da análise têm algo a ver com o real concreto do início, do partiram.

A relação entre as relações gerais (descobertas plano abstrato) e o concreto real (dado) faz com que este dado, sem aquelas relações, seja uma abstração, especialmente se estas relações são admitidas como determinações (abstração delas que são as próprias determinações deste real). Assim, fundar-se no real - base sólida - como garantia de objetividade é fundar-se numa base vazia de sentido, perdendo, portanto, tal garantia. Este procedimento não parte do concreto, como supõe, e sim da abstração, e não pode sequer procurar condições para re-encontrar o concreto, porque supõe, enganosamente, que já o incorpora à análise desde o início.

Si dono on commençait ainsi par lapopulation, on aurait une représentation chaotique de tout et, par une détermination plus précise, pa l'analyse, en aboutinait à des concepts de plus en plus simples; du concret figuré on passerait à des abstractions de plus en plus minces, jusqu'à ce que l'on soit arrivé aux définitions les plus simples. Partant de là, il faudrait refaire le chemin à rebours jusqu'à ce qu'enfin on arrive de nouveau à la population, mais celle-ci ne serait pas, cette fois, la représentation chaotique de tout, mais une riche totalité de déterminations et de rapports nombreux... Cette dernière méthode est manifestement la méthode scientifique correcte."

Marx chama a atenção para a suposição do caráter caótico da representação direta do real. Se o real tem uma ordem, ela não está dada, não transparece. Essa ordem só é atingida, podendo tornar-se particularmente reproduzida, pelo pensamento que indaga, aprofundando-se no real. Cabe perguntar como se caracteriza esta indagação e este aprofundamento. Tratar-se-á de uma reflexão produzida a partir do contacto com o real - reflexão informada diretamente pela realidade? Ou tratar-se-á de uma reflexão que se assume desde logo como reflexão, vale dizer como teórica - reflexão formada e informada pela teoria em busca da realidade que lhe é externa? O texto de que estou tratando me parece um texto voltado para ensinar este segundo caminho.

Supondo-se que a realidade social é determinada e estruturada nas suas determinações ela passa a ser, por esta razão, passível de ser racionalmente conhecida e explicada. Produz-se seu conhecimento ao se formularem as leis da sua estruturação e do seu desenvolvimento, mas só quando se atingem seus determinantes fundamentais é que pode começar a sua explicação. É isso acontece no mundo dos conceitos, no plano teórico, no abstrato. Abstrato que tem a pretensão de reproduzir o concreto, não da sua realidade imediata e sim na sua totalidade real. Esta noção de totalidade real é sumamente importante para a compreensão do texto em estudo. "O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações." A totalidade real é o conjunto das determinações com o que elas determinam. Para a reprodução adequada do concreto, um concreto que então tem um sentido, é preciso partir das suas determinações fundamentais. Como atingi-las? Não a partir de toda uma análise procedente do real, mas a partir dos conceitos mais simples que essa análise, já disponível - senão ela poderia ser criticada - conseguiu alcançar no seu final. O método correto (ao tempo da produção em Marx, em que dominavam as perspectivas empíricas), pois, parece ser aquele que começa pelo trabalho crítico sobre as categorias gerais elaboradas pela análise empírica. Enquanto esta procedia do concreto (real, dado) para o abstrato (conceitos mais simples, relações gerais, determinações mais simples), Marx está propondo um procedimento novo, do abstrato (determinações e relações simples e gerais) ao concreto (que então não é mais a "representação caótica de um todo" e sim "uma rica totalidade" de determinações e de relações diversas.

"La première démarche a réduit la plénitude de la représentation à une détermination abstraite, avec la seconde, les déterminations abstraites conduisent à la reproduction du concret par la voie de la pensée."

É importante, crucial mesmo, entender que no primeiro método "a representação plena volatiliza-se na determinação abstrata." Uma representação que pretende a plenitude enquanto representação, produzida diretamente sobre o real, se esvai, se esgarça, se volatiliza enquanto se procede à sua análise, caminhando para a determinação abstrata. Esta determinação abstrata, porque fragmentada pela análise que deixou distante o real de que partiu, não consegue dar conta da re-apropriação desde real, não é capaz de compreendê-lo e dar-lhe sentido. Muito de novo há de ser criado na re-aproximação proposta pelo método que vai do abstrato para o concreto. E, o

mais importante, este concreto é um concreto novo, porque pensado. É um concreto produzido no pensamento, para reproduzir o concreto real (“as *determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento.*”)

## 2 - ANTERIORIDADE DO CONCRETO

Esta produção/reprodução do concreto no caminho de volta precisa ser especificada, bem como o que constitui efetivamente este concreto a que se chega. É o que encontro na segunda parte do texto.

“Le concret est concret parce qu'il esta la synthèse de multiples déterminations, done unité de la diversité.”

Para esta concepção, não basta ter realidade para ser concreto. O caráter do concreto está estreitamente vinculado ao da determinação. O que conta de fato são as determinações. Atinge-se o concreto quando se compreende o real pelas determinações que o faz ser como é. Atingida uma determinação geral, como ela se é capaz de entender as grandes linhas dos fenômenos que ela pode determinar, sejam elas já realizados ou não. Neste sentido, a população, que é real, só se torna concreta quando traz nela mesma as suas múltiplas determinações - o que na realidade ocorre, mas que a representação imediata é incapaz de captar porque estas determinações diversas não aparecem a não ser naquilo que determinam, na forma determinada. Assim, o concreto é síntese de muitas determinações e, como tal, é uma totalidade: unidade determinante/determinado., O que aparece como real é marcado pelas suas várias determinações, mas estas marcas só ganham relevo e sentido quando se está de posse do que as determina. Como são várias as determinações de um real, ele é um complexo constituído como unidade, unidade da diversidade.

C'est pourquoi il (le concret ) apparait dans la pensés comme pprocès de synthèse, comme résultat, non comme point de départ, bien qu'il soit le véritable point de départ et par suite également le point de départ de la vue emmédiate et de la représentation.

O concreto em as suas determinações, como unidade do diverso, é síntese, é resultado de um elaborado processo de pensamento. Porém, e já agora é a segunda vez, nesse texto, que Marx faz referência a isto, se esse processo começa cientificamente no abstrato, seu verdadeiro ponto de partida é o real.

Está dito, explicitamente que o verdadeiro ponto de partida do pensamento é o real, que é o ponto de partida da percepção e da representação. O papel do real para o pensamento e para o conhecimento não é, pois, eliminado como se, por ser abstrato o campo próprio do teórico (em que se move o pensamento para produzir conhecimento) para ele, teórico, o real não existisse senão sob a forma pensada. Uma coisa é afirmar que o concreto só faz parte do teórico (abstrato), sob a alegação de que o teórico só pode afirmar do concreto o que sabe dele, isto é, o que tem precisado sobre ele. A perspectiva seguida por Marx é a que ele explicita na citação acima, embora seja verdadeiro ponto de partida. O pensamento parte do concreto (real), ainda que só se torne verdadeiramente científico quando retoma o concreto, pensando-o, a partir do abstrato (suas determinações atingidas pelo pensamento originado no concreto).

Já neste começo do texto, Marx fornece indicações preciosas sobre o entendimento da produção do conhecimento científico no terreno da economia política. Fala num primeiro movimento, em que se parte do real, representando-o e procurando, através de análises que cada vez se afastam mais dessa realidade.

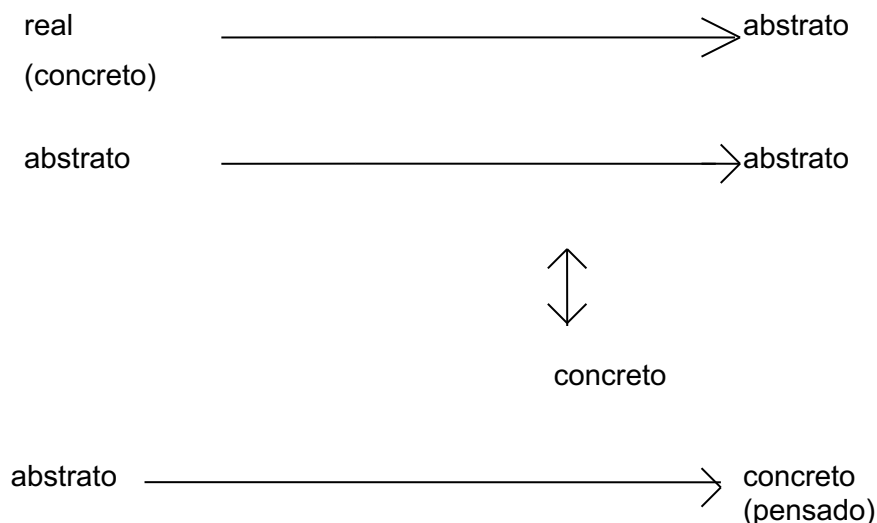
Menciona um segundo movimento, com o qual se iniciaria a atividade propriamente científica, em que se acusa de caótica aquela representação direta do real e se parte não do real ou de sua representação imediata, assim necessariamente abstrata e caótica, e sim dos conceitos mais simples que o movimento anterior pôde criar. O que caracteriza este segundo movimento é o seu apoio inicial teórico e a crítica a que submete os conceitos de que parte, necessariamente criticáveis porque perdidos teoricamente, porque calcados na suposição falsa de sua origem concreta direta.

Essa crítica consiste num retorno à realidade, munido dos conceitos e das determinações mais simples. Retorno que não encontra mais “a representação caótica de um todo”, mas “uma totalidade rica de determinações.”

Para mim, ficam algumas questões: a construção do concreto pensado é meramente o empreendimento do caminho de volta ao concreto ponto de partida do primeiro movimento? Quando determinado, e multiplamente determinado, este concreto pensado não será outro diferente do ponto de partida? Se as respostas foram positivas, como me parece que sejam, essa produção do concreto (pensado), que visa ser uma reprodução do real, e que é qualitativamente diferente do concreto percebido, só pode ser feita a partir da colocação precisa e rigorosa das suas determinações mais gerais. Não faz parte, pois, do mesmo movimento que empreenda a crítica teórica em busca da especificação teórica dos conceitos que expressam as determinações mais simples e mais gerais.

Seria o caso de supor, assim, que a construção do concreto pensado constitua um terceiro movimento. Encaminhando o raciocínio deste modo, a crítica que constitui o segundo movimento passar-se-ia toda no plano abstrato, referenciando-se apenas ao concreto, mas não sendo suficiente para produzi-lo teoricamente. Uma vez conseguida a especificação das determinações gerais e simples, objetivo do segundo movimento, será possível passar ao terceiro. O segundo movimento seria, assim, de reconstrução teórica, enquanto o terceiro será de construção teórica da reprodução do concreto.

Simplificando os movimentos em torno dos seus vetores básicos, teríamos:



Com o segundo movimento, se iniciaria o que Marx aponta como “método cientificamente correto”. Talvez eu tenha demasiadamente presente, neste momento, a enormidade do trabalho do esforço teórico do próprio Marx ao empreendera crítica dos economistas clássicos, antes que pudesse produzir a sua própria teoria. Talvez por isso apareça para mim com maior nitidez a diferenciação dos dois movimentos que comporiam o método que está sendo preconizado, Estou pensando na reconstrução que Marx empreendeu da categoria de mais valia (a partir da teoria do valor, de Ricardo, e da noção de trabalho de Adam Smith), como exemplo do que chamei de segundo movimento; e na sua teorização da produção e da reprodução do capital, que lhe permite teorizar sobre toda a estruturação do modo de produção capitalista, como exemplo do que chamei de terceiro movimento, estou bastante convencida de que se trata de dois movimentos distintos, que exigem esforços distintos.

- “caminho de volta” não é um retorno simples. Sendo cheio de surpresas para quem só fez o caminho de ida. Não basta trocar o ponto de partida por ponto de chegada e começo por resultado. Não se trata simplesmente de uma inversão de sentido ou de uma inversão de rota. O ponto de partida do segundo método é outro que não o ponto de chegada do primeiro. Não só porque é abstrato e não concreto. Sendo abstrato é outro abstrato, diferente do abstrato a que o método anterior permitia chegar. É um abstrato reconstruído criticamente a partir deste. A noção de mais valia de Marx não é a mesma dos economistas que o antecederam e que primeiramente formularam a noção ou produziram o conceito. A noção de Marx não é original, mas é diferente da que lhe deu origem. Assim também, o ponto de chegada do segundo método é outro que não é o ponto de partida do primeiro. Esta diferença é bem acentuada: no segundo, como totalidade rica de determinações construída no pensamento; no primeiro, como todo vivo, mas representado caoticamente. É em nome desta diferença que se propõe o segundo método.

Se por um lado, não esquece que o real está presente alimentando a percepção e a representação, por outro também não esquece que o concreto produzido pelo pensamento é apenas pensamento, não real. É neste ponto que contesta Hegel, ou a relação que este propõe entre abstrato e concreto.

... les déterminations abstraites conduisent à la reproduction du concret par la voie de la pensée. C'est pourquoi Hegel est tombé dans l'illusion de concevoir le réel comme le résultat de la pensée, qui se concentre en elle-même, alors que la méthode qui consiste à s'élever de l'abstrait au concret n'est pour la pensée que la manière de s'approprier le concret, de le reproduire sous la forme d'un concret pensée. Mais ce n'est nullement là le procès de la genèse du concret lui-même.

O concreto produzido pelo pensamento não é o próprio real. A atividade do pensar não produz senão pensamentos (idéias, conceitos) no campo que lhe é próprio, que é o campo das abstrações. A atividade do pensar não é capaz de produzir realidades.

Aqui Marx coloca com muita clareza a *distinção* entre o campo real e o campo teórico. De acordo com o meu entendimento, o texto todo é mesmo uma discussão lindíssima da relação entre realidade e teoria. Porque há interpretações bem diferentes desta que estou formulando (como por exemplo, a de Althusser), é interessante anotar este ponto. Marx *admite uma relação* entre teoria e real, relação esta que começa a marcar na sua discussão da versão hegeliana, mas cujos primeiros traços já apareciam quando reconhecia que as categorias com as quais se

produziam as determinações mais simples e mais gerais provinham da realidade. O pensamento só produz pensamento, mas em alguma instância (que neste ponto da leitura que estamos empreendendo ainda não sabemos qual, nem como, mas que o próprio texto em estudo esclarecerá adiante).

O que Marx nega com vigor é que o real seja resultado do pensamento. Para afirmá-lo, como faz Hegel, é necessário, antes de tudo, conceber o pensamento como autônomo, como independente, para então subordinar o ser ao seu pensar e, afinal, acabar com a distinção entre o real e o teórico, considerando o real como realização da idéia, o que liquida, enfim, com a suposta relação, já que um termo é absorvido pelo outro.

Marx argumenta que mesmo o pensamento mais simples só existe como relação unilateral e abstrato de um todo concreto, vivo, já dado. É nesse sentido que para ele o real é anteriormente ao pensamento. Sua suposição mais básica é a existência de um concreto fora do pensamento. Quando afirma que o concreto pensado não é a gênese do concreto ele mesmo, está admitindo que exista “um concreto ele mesmo”, diferente, outro que não o concreto pensado. Está num plano que não é o da “consciência filosófica”, segundo a qual “o mundo só aparece como real uma vez concebido”, em que o movimento das categorias é autônomo e produtor do real, concebendo o pensamento que se basta a si mesmo e que se move por si mesmo.

Para ele, a realidade concreta pré-existe, subjaz e subsiste ao pensamento. É este que de algum modo depende dela, e não ao contrário.

La tout, tel qu'il apparait dans l'esprit comme une totalité pensée, est un produit di cerveau pensant... Après comme avant, le sujet réel subsiste dans son indépendance en dehors de l'esprit... Par conséquent, dans l'emploi de la méthode théorique aussi, il faut que le sujet, la société, reste constamment présent à l'esprit comme donnée première.

Assim é que o concreto pensado não é o único concreto, nem o pensar é concebido como tendo todo o seu desenvolvimento no plano exclusivo do teórico, como quer Althusser. São os riscos do pensamento que pretende poder “mover-se por si mesmo”. Hegel ainda vai adiante, levando-o até o real, materializado-o e entendendo que assim é o real: realização da idéia. E então o pensar é o ser.

Para ficar no que Marx diz neste texto, a reprodução do concreto no pensamento, pelo pensamento, é a forma peculiar que o pensamento tem para se apropriar do concreto, pensando-o como concreto. Podemos abrir logo a questão de se o real não terá seus próprios meios para condicionar ou determinar o pensamento que dele quer se apropriar. O texto dá a seguir uma resposta conclusiva a esta questão.

A primeira definição que Marx apresenta aqui no sentido da relação que está propondo entre o real e o teórico é negativa, negando Hegel: “reproduzi-lo (o concreto) sob a forma de um concreto pensado...não é absolutamente o processo da gênese do próprio concreto.” E logo começa a encaminhar o sentido que tem para ele a relação entre real e teoria. *Todo pensar ainda que seja o pensar na sua forma mais simples, supõe sempre, subjacente a ele, uma totalidade concreta, viva, já dada:*

... la catégorie économique la plus simples...ne peut jamais exister autrement que sous forme de relation unilatérale et abstraite d'un tous concret, vivant, déjà donné. (grifado no original)



O pensamento não é a gênese do real, nem o real é a gênese do pensamento. Mas se pode, e se deve, afirmar que o real sempre antecede ao teórico, que o teórico é um teórico sobre o real.

\*\*\*\*\*

Pode parecer difícil a aproximação do que se afirma na segunda parte do texto em estudo e do que se afirmou na primeira. Porque aqui se confere independência e uma certa prevalência e anterioridade ao real face ao pensamento. E lá se propunha um método que se movia do abstrato para o concreto. A questão não pode ainda ser inteiramente resolvida, porque não caminhamos o suficiente no texto até onde ele propõe uma relação determinada entre o concreto real e a produção das categorias que o expliquem. Parece-me, no entanto, conveniente colocar desde já a questão, que, se não pode ainda ser resolvida, pode pelo menos ter esta resolução encaminhada.

Os dois primeiros pontos de apoio desta solução seriam, no meu entender:

- 1) há um concreto real independente e por isso o método cientificamente correto deve ter sempre presente este real como pressuposição;
- 2) mas o conhecimento científico deste real não procede dele mesmo, porque o representaria caoticamente, porque sem suas determinações ele é uma abstração e não um concreto.

Portanto, o conhecimento científico do real começa com a produção crítica das suas determinações, produção que se processo ao nível do teórico, ao nível das categorias. Para ser crítica de uma produção teórica anterior, só pode ser alcançada quando já existe um desenvolvimento teórico razoável disponível; é daí que o método para produzir esse conhecimento “se eleva do abstrato ao concreto”.

### 3 - RELAÇÃO CATEGORIAS / REAL

Marx havia afirmado logo no início que os conceitos mais simples é que permitem chegar a uma inteligibilidade do real. Supôs que estes conceitos começariam a ser expostos no final de uma abordagem que partia do próprio real. Dizia ainda que esse real como ponto de partida era uma abstração. Abstração das suas determinações, expressas naqueles conceitos simples.

Por outro lado, afirma que o real existe fora do pensamento e que é anterior a ele. Uma vez posto o conceito, na primeira parte, e o real, na segunda parte, nesta terceira parte ele passará a procurar estabelecer a relação entre os dois. Para a produção teórica, o pressuposto básico é que ela seja comandada pelos conceitos mais simples, para ser possível a reprodução do concreto no pensamento. Dando suporte a esse pressuposto está o outro, ainda mais geral, da exterioridade e independência da realidade - tese materialista fundamental.

Porque as determinações do real se formulam através de conceitos simples? De onde deriva esta simplicidade? Se o real é externo, independente e anterior, não poderia se encontrada nela, como concreto, esta simplicidade? Assim nos colocamos diante da questão específica da terceira parte do texto: a questão da simplicidade originária.

Mais ces catégories simples n'ont-elles pas aussi une existence indépendante, de caractère historique ou naturel, antérieure à celle des catégories plus concrètes?

A primeira indicação a respeito já havia sido dada por ocasião do exemplo da categoria econômica mais simples, que a seu ver “só pode existir como relação *unilateral* e abstrata de um todo concreto, vivo, já dado.” A exigência fundamental é a admissão deste concreto vivo. É sobre ele que se erigem as categorias, mesmo categorias as mais simples, que não são capazes de captá-lo no plano teórico a não ser parcialmente, unilateralmente. A categoria simples aponta para um dos traços da realidade a que se refere, mas nem por isso deixa de ser unilateral. Se é possível pensar numa explicação do todo vivo, portanto, ela só será alcançada através de um conjunto de categorias simples - ou seja, de uma estrutura teórica, de uma teoria. Cada categoria indica um caminho de aproximação do real (todo vivo, concreto, já dado). Ao longo de ser unilateral, a categoria simples é abstrata, isto é, ela é produzida num nível muito alto de abstração e neste sentido específico de produção teórica muito elevada ela se situa num plano muito afastado da realidade concreta.

Há categorias, embora também teóricas, que estão, no mesmo sentido estrito e específico, mais próximas do concreto real e, neste sentido e só neste, são assim as categorias mais concretas. Os exemplos do próprio Marx dentro deste sentido de afastamento/aproximação - que trata (aqui e só aqui) o concreto como real e o abstrato como teórico - são: como categorias mais simples e mais abstratas o valor de troca, a posse; como categorias mais concretas e menos simples a família, a comunidade, o Estado.

Encontro na discussão que Marx empreende do simples originário um movimento ternário. Isto que estou caracterizando como uma descoberta para mim, no desenvolvimento do meu próprio esforço de estudo, passa a constituir um problema que eu ainda não tenho condição de resolver. Sua solução implicará uma revisão atenta e minuciosa da discussão comandada por Althusser quanto à inversão hegeliana de Marx. Se muito eu já discuti com Althusser e se já levei longe a minha crítica às suas interpretações, este era um ponto intocado até então.

Vejamos como está meu entendimento da dialética do pensamento do próprio Marx, conforme a sua exposição neste texto que estamos lendo.

A questão proposta é precisa: se as categorias simples têm ou não existência independente anterior à das mais concretas. Essa suposta independência e anterioridade poderia ser histórica ou natural. Ela recebe uma primeira abordagem apoiando-se na categoria pela qual Hegel começa a sua filosofia do direito, a posse. Certamente a posse é a relação jurídica mais simples do sujeito, o que não quer dizer, porém, que ela seja uma relação originária. Possuir, como categoria jurídica, implica diferenciação com um outro, diferentemente de possuir por simples apropriação direta, o que não é suficiente para compor uma relação jurídica.

Mais il n'existe pas de possession avant que n'existe la famille, ou les rapports entre maitres et esclaves, qui sont des rapports beaucoup plus concrets...Il n'est pas exact qu'historiquement la possession évolue jusqu'à la forme familiale. Elle suppose au contraire toujours l'existence de cette 'catégorie juridique plus concrète.

A afirmação que define este *primeiro momento* de aproximação do problema é que *as relações mais simples sempre pressupõem relações mais concretas* (relações estas expressas em categorias mais concretas, no sentido de que se referem a um grau mais baixo de abstração). As categorias simples expressam relações simples, que não existem antes de relações mais concretas, expressas em categorias mais concretas. A notar, primeiro, que o movimento não é um movimento só de categorias. Marx não trabalha no plano exclusivo do teórico. Para pensar a relação entre as categorias mais simples e as categorias mais concretas remete sempre cada uma delas ao que elas representam, isto é, a relações no plano do real. As categorias simples não

antecedem as categorias mais concretas porque as relações simples não antecedem as relações mais concretas. As relações mais simples exigem sempre o substrato concreto.

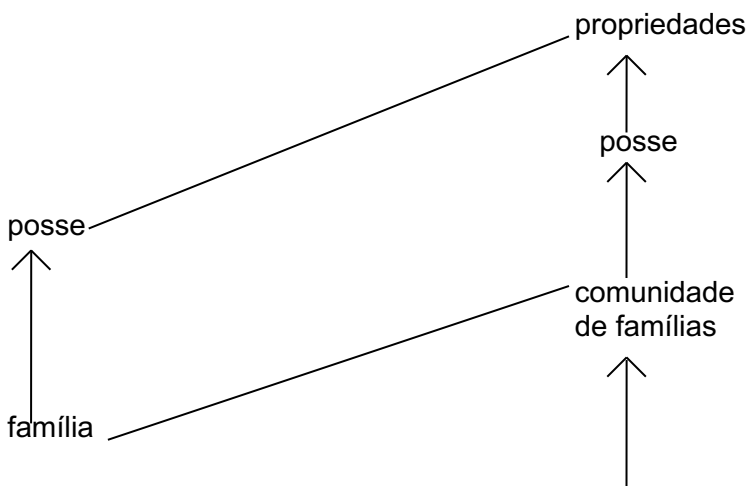
A notar, segundo, que o raciocínio se complica desde o começo, não se dá trégua, é provocador para si próprio. A posse é a relação jurídica mais simples. Mas não há posse sem família, etc. Até então Marx compunha uma análise, por assim dizer, vertical (por graus de abstração, no sentido do afastamento/aproximação das categorias em relação à realidade), juntamente com uma análise, por assim dizer, horizontal (por anterioridade histórica na produção concreta das relações reais). Apresenta uma relação mais simples/mais concreto categorial correspondente. Imediatamente a seguir propõe, sempre uma relação com o real, uma distinção entre categorias simples, isto é, começa a complicar o plano teórico, indagando sobre a sua relação com o real. É quando começa a trabalhar com a distinção entre posse e propriedade.

Revendo, então: posse é relação jurídica mais simples. Mas não há posse sem família etc.

Par contre, il seraiyt juste de dire qu'il existe des familles, des communautés de tribus, qui ne sont encore qu'aunstade de la possession, et non à celui de la propriété. Par rapport à la propriété, la catégorie la plus simples apparait donc commem le rapport de communautés simples de familles ou de tribus. Dans la société pasrvenue à un stade supérieur, elle apparit comme le rapport plus simples d'une organization plus développée. Mais on présupose toujours le substract concret qui s'exprime par un rapport de possession. (grifado no original).

A posse é uma relação simples, que exige uma relação mais concreta, como a família. Todavia, fazendo uma análise mais sutil internamente à categoria de posse, o que leva a fazer a distinção entre posse e propriedade em que só a esta cabe a característica de relação jurídica, tem-se que: se não há posse sem família, há famílias em que há posse, mas não há propriedade, a categoria mais simples é a propriedade, que, porém, pressupõe sempre um substrato concreto, expresso na relação de posse.

Está se propondo agora uma análise, por assim dizer, horizontal, desta vez no plano do teórico (no sentido da produção de categorias mais simples, apontando a posteridade histórica da produção da categoria mais simples: posse, primeiro; propriedade depois) em confronto com uma análise também por assim dizer horizontal, mas no plano do real (no sentido dos estágios de desenvolvimento do real). Se a posse exige a precedência da família, a propriedade (mais simples do que ela) exige a precedência de um concreto mais desenvolvido do que a família, ou seja, uma comunidade de famílias.



## família

Pela primeira vez entra no esquema do método a questão da evolução histórica real como tendo a ver com a diferenciação ou com a produção das categorias. Há muitas interpretações que deixam de lado esse aspecto como se ele não fosse importante, ou melhor, que não lhe atribuem maior importância. A meu ver, ele é fundamental para se entender o método que Marx propõe.

Dans la société parvenue à un stade supérieur, elle (la catégorie la plus simple) apparaît comme le rapport plus simple d'une organisation plus développée.

A categoria mais simples exige um certo grau mínimo de desenvolvimento para que possa seguir a relação mais simples que ela exprime. Então, não se trata apenas de que “as categorias mais simples pressupõem relações mais concretas” no sentido anteriormente definido, mas também no sentido de que a efetiva simplicidade exige um efetivo desenvolvimento do concreto. Por enquanto, esta é uma questão que está, mas sua explicação ainda não está dada.

Vejamos se os momentos seguintes da discussão do simples originário conseguem esclarecê-la.

Entramos num segundo momento desta discussão com afirmações que parecem contradizer as do primeiro momento.

Cependant il n'en demeurerait pas moins que les catégories simples sont l'expression de rapports dans lesquels le concret non encore posé la relation ou le rapport plus complexe qui trouve son expression mentale dans la catégorie plus concrète; tandis que le concret plus développé laisse subsister cette même catégorie comme un rapport subordonné. L'argent peut exister le capital, que n'existassent les banques, que n'existât le travail salarié, etc. A cet égard, on peut donc dire que la catégorie plus simple peut exprimer des rapports dominants d'un tout moins développé ou, au contraire, des rapports subordonnés d'un tout plus développé (rapports) qui existaient déjà historiquement avant que le tout ne se développât dans le sens qui trouve son expression dans une catégorie plus concrète.

(Cardoso trata, no seu texto, das formulações que obteve a partir do estudo do “Método da Economia Política, de Marx. Suas referências pois, são dirigidas para esse texto).

A realidade concreta se transforma e o seu desenvolvimento contém uma complexificação. As totalidades concretas pouco desenvolvidas são formadas por relações predominantemente mais simples. As totalidades concretas mais desenvolvidas são formadas por relações predominantemente mais complexas, que se expressam por categorias mais concretas. Neste conceito mais desenvolvido, as categorias simples que expressavam as relações dominantes do todo menos desenvolvido podem subsistir, mas agora como expressão de relações subordinadas. Ressaltam aqui duas questões que é imperioso esclarecer.

- 1) Por que as relações mais complexas se expressam mentalmente por categorias mais concretas?
- 2) Por que estas categorias simples do momento segundo expressam relações de subordinadas no real mais desenvolvido?

Tratemos da questão 1. De acordo com meu entendimento, aqui Marx retorna à relação abstrato/concreto nos termos em que a tratava no início do texto, ao propor a noção de concreto de pensamento. Na sua formulação aqui, o dinheiro é uma categoria simples e o capital é uma categoria concreta. Em que sentido pode o capital ser mais concreto do que o dinheiro? Não me parece absolutamente possível supor que seja no sentido que era empregado no momento 1 desta terceira parte, em que o concreto se refere ao real, enquanto que o abstrato diz respeito ao teórico.

O capital não pode ser mais concreto, como realidade, do que o dinheiro, já porque rigorosamente o capital não existe como tal realidade concreta, a não ser através das suas formas de expressão, que incluem desde o valor dos equipamentos e instalações até o valor da capacidade de trabalho. Por outro lado, também rigorosamente, o dinheiro não existe concretamente na realidade, a não ser como moeda, elemento da circulação monetária. De que concreto, então, se está falando, quando se diz que o capital é mais concreto do que o dinheiro? Parece-me que só pode ser no sentido de concreto já determinado, concreto que já está pensado com as suas determinações, concreto reproduzido no pensamento, concreto pensado, pois.

No momento 1, o mais concreto é anterior ao mais simples. No momento 2, é o mais simples que é anterior ao mais concreto. É uma contradição, sim, mas não produzida por pura negação. O momento 2 não é a pura negação do momento 1. É outra coisa. No momento 1, o concreto é o real, o dado; as categorias mais simples são as mais abstratas (abstração simples). A relação proposta é uma relação real, com sua contrapartida pensada (família-posse; comunidades de famílias-propriedade). No momento 2, o concreto é do plano de pensamento. A relação entre dinheiro e capital é uma relação entre categorias pensadas. O real aparece relacionado com cada uma destas categorias através dos diferentes graus do seu desenvolvimento e da sua complexidade. Estas categorias mais concretas expressam relações mais complexas, presentes nas realidades concretas mais desenvolvidas. Concretas (reais) mais desenvolvidas contêm relações mais complexas, que se expressam por categorias mais concretas (concreto pensado).

Podemos passar para a questão 2 proposta acima, que poderá esclarecer alguns pontos ainda obscuros da questão 1. O problema é aqui relacionado com que as categorias simples que expressam relações dominantes de um todo menos desenvolvido apresentem-se como expressão de relações subordinadas num todo mais desenvolvido.

Os graus de desenvolvimento da totalidade concreta real assumem importância decisiva. E se o conceito de concreto varia do primeiro para o segundo momento, também varia o de simples. A simplicidade do primeiro momento quer dizer maior afastamento da realidade concreta. Já no segundo momento, significa menor complexidade. Neste segundo momento da análise, as categorias mais simples são as que expressam as relações menos complexas, formadoras das totalidades reais menos desenvolvidas e, portanto, menos complexas. Quando elas subsistem em totalidades mais desenvolvidas e, portanto, mais complexas, expressam ainda relações menos complexas, que não são as relações mais características e dominantes das totalidades mais complexas. Estas categorias simples que antecedem as categorias mais complexas são produzidas acompanhando o desenvolvimento histórico real, aqui compreendido como partindo do mais simples para o mais complexo.

(Nesta medida, a evolução do pensamento abstrato, que se eleva do mais simples ao mais complexo, corresponderia ao processo histórico real).

Dans cette mesure, la marche de la pensée abstraite, qui s'élève du plus simple au plus complexe, correspondrait au processus historique réel.

Não se trata aqui, pois, de categorias que sejam simples pelo seu poder de abstração, mas de categorias simples que historicamente apareceram antes que outras mais complexas. É importante notar que este tipo de categorias simples, que se descobre geneticamente, não consegue expressar senão relações secundárias ou subordinadas nos estágios mais avançados do desenvolvimento social, o que não lhes confere poder de explicação para estas sociedades mais desenvolvidas. Portanto, com esta observação sobressai que não importa apenas as categorias sejam comuns às fases mais e menos desenvolvidas da sociedade (o que se discutirá a seguir); importa notar principalmente que nos estados superiores das sociedades estas categorias simples persistem, sim, mas como relações dominantes e não essenciais. Não será a partir delas que se poderá entender estas sociedades.

Chegamos ao terceiro momento da discussão, em que se segue trabalhando com o exemplo da categoria simples dinheiro. Acrescenta-se agora que, embora ela seja simples, há sociedades bem desenvolvidas, ainda que historicamente não maduras, em que não existe nenhuma forma de moeda, como o Perú pré-colombiano. Cita-se ainda os povos eslavos, em que a troca e o dinheiro só aparecem nas fronteiras, como resultado do comércio das diferentes comunidades entre si.

*De plus, quoique l'argent apparaisse très tôt et joue un rôle multiple, il est dans l'antiquité, en tant qu'élément dominant, l'apanage de nations déterminées unilatéralement, de nations commerçantes.*

Verifica-se, pois, que embora seja uma categoria simples (e podemos ver cada vez com maior clareza que o termo está significando “pouco complexa”), ela não é geral enquanto expressão de relações dominantes em totalidades menos desenvolvidas. Ela apresenta variações bastante grandes entre os diferentes períodos históricos e só existe com todo o seu vigor nos estados mais desenvolvidos da sociedade.

*Ainsi, bien qu'historiquement la catégorie la plus simple puisse avoir existé avant la plus concrète, elle peut appartenir dans son complet développement - en compréhension et en extension - précisément à une forme de société complexe, alors que la catégorie plus concrète se trouvait plus complètement développée dans une forme de société qui, elle, l'était moins.*

Somente numa sociedade complexa a categoria simples tem todo o seu desenvolvimento. Em sociedade cujo grau de desenvolvimento é menor, a categoria simples existe, mas é parcial, não impregna todas as relações do setor a que se refere. Como as relações mais complexas, pertencentes a totalidade reais mais complexas, se expressam por categorias mais concretas, torna-se possível que as categorias mais concretas consigam desenvolver-se completamente antes que as categorias mais simples (para cujo desenvolvimento completo não basta que pertençam a sociedades mais complexas, mas é necessário que pertençam a sociedades efetivamente complexas - a questão parece passar a ser a determinação desse grau que já não possa mais ser considerado apenas “mais complexo” e sim “complexo”).

Assim é que temos para cada um dos momentos”

#### 1) concreto → simples

- relações mais concretas são anteriores a categorias mais simples
- fundamento: relação concreto/abstrato (abstração simples)

2) simples → concreto  
(complexo)

- categorias mais simples são anteriores a relações mais complexas (expressas em categorias mais concretas)
- fundamento: relação simples/complexo  
(concreto)

3) complexo → simples  
(concreto)

- a categoria mais simples só tem seu desenvolvimento completo numa sociedade complexa, enquanto que as categorias mais concretas podem ter seu desenvolvimento completo anteriormente.

A questão da anterioridade ou não das categorias mais simples em relação às mais concretas é pensada seguindo um raciocínio que, mais uma vez, começa com uma visão empirista posta na relação concreto/abstrato como abstração simples.

Em seguida, mais uma vez essa visão é negada e substituída por outras, em que o concreto é considerado por essa nova abstração (específica), que tenta reproduzir o concreto no pensamento. E a tônica se desloca da relação direta entre o concreto e simples para a relação entre simples e complexo. Esse deslocamento começou a ser ensaiado ainda no primeiro momento, quando da análise da propriedade. A reflexão passa a centrar-se toda no desenvolvimento social real. A atenção se desloca para a relação entre o movimento das categorias e o movimento da realidade. Estágios mais simples da organização social antecedem a estágios mais complexos da organização social. As categorias mais simples que expressam as relações mais simples das formas mais simples de sociedade antecedem as categorias mais concretas que expressam relações mais complexas de formas mais complexas de sociedade. O simples antecede o concreto quando se entende que o concreto expressa o complexo. A contradição do momento 2 em relação ao momento 1 se resolve no momento 3, quando este retoma o sentido posto no momento 1, mas deslocando o concreto do seu sentido empírico do momento 1 para o seu sentido pensado no momento 2. O momento 3 reafirma o que se afirma no momento 1, mas com um significado todo novo, em que, agora, a complexidade do real desempenha um papel fundamental. A categoria mais simples existe em todos os estágios do desenvolvimento social, mas só no estágio complexo ela se completa. E por isso, como se definirá com precisão maior ainda adiante, só nesse estágio complexo da sociedade ela poderá ser adequadamente pensada.

A conclusão da discussão é, pois, que “o simples não é a origem, porque mesmo as categorias mais simples pressupõem sempre um substrato mais concreto (um todo vivo, uma certa organização social). Por outro lado, o processo histórico real caminha do mais simples para o mais complexo. Mas, ainda que o mais simples (neste segundo sentido) possa preceder o mais complexo, só no mais complexo (o complexo, completo) o simples pode estar completamente desenvolvido e, portanto, só aí pode ser pensado teoricamente de forma completa.

Uma vez estabelecido que o método correto para o estudo da economia política parte dos conceitos simples que a produção teórica dos economistas clássicos já fornecia, para com eles produzir as determinações mais simples, que permitirão reproduzir o concreto pela via do pensamento - poder-se-ia chegar a supor que a produção teórica, passando-se inteira e exclusivamente no plano teórico, não tivesse vínculo algum com o real.

Sublinha-se, no entanto, que o objetivo é a reprodução mental do concreto real e que toda a categoria pensada se refere a uma relação real. Afirma-se, pois, a anterioridade do concreto real. Além disso, a preocupação permanece todo o tempo sendo a relação das categorias com a realidade: das categorias produzidas com a realidade em que se dá a produção, do movimento

das categorias com o real. A fixação do pensamento na concepção e na simplicidade, e na tentativa de estabelecer a sua relação, se desdobra com a inclusão de um elemento novo no tratamento da simplicidade, o complexo, que é desde então unido ao concreto, de tal modo que o par concreto/simples é repensado como simples/concreto (complexo) e então retomado como complexo (concreto) simples.

#### 4 - A PRODUÇÃO DAS ABSTRAÇÕES MAIS GERAIS

Identifico a partir daí uma quarta parte do texto em que, ao se descobrir que é na sociedade complexa que a categoria simples se completa, alcançando-se, portanto, o ele específico entre o real e o conceito, está-se em condições de retomar as afirmações gerais sobre o método, contidas na primeira parte.

O abstrato de que se deve partir para começar a produção do conhecimento, que se fará no concreto pensado, já não depende só da produção teórica anterior, que se utilizará, criticamente. Estas produções teóricas e o movimento que as produz despontam numa íntima conexão com o real e o seu movimento próprio. A análise da categoria trabalho ilustra este vínculo de forma extraordinariamente nítida.

O trabalho é uma categoria simples. Embora a idéia de trabalho, assim em gelar, em qualquer determinação, seja bem antiga, como categoria econômica, é recente. O trabalho expressa a relação do produtor com o seu produto. É incorporado à análise econômica como trabalho em geral quando Adam Smith o trata como atividade criadora de riqueza, abstraindo toda determinação particular que essa atividade possa ter. Antes disso, ou a riqueza é posta no dinheiro (sistema monetário), ou a fonte da riqueza já é colocada na atividade subjetiva que a cria - trabalho comercial e manufatureiro - mas ainda como atividade produtora de dinheiro (sistema manufatureiro ou comercial), ou a riqueza já aparece como resultado geral do trabalho, mas do trabalho agrícola (fisiocratas). Só com Adam Smith se deixa de pensar no trabalho manufatureiro, ou no trabalho comercial, ou no trabalho agrícola, para se pensar em “todas estas formas de trabalho no seu caráter comum”. Por isso que,

“Avec la généralité abstraite de l’activité créatrice de richesse apparaît alors également la généralité de l’objet dans la détermination de richesse, le produit considéré absolument, ou encore le travail en général, mais en tant que travail passé, objectivé dans un objet. Por isso que, cnaçu du point de vue économique sous cette forme simple, le “travail” est une catégorie tout aussi moderne que les rapports qui engendrent cette abstraction simple.”

Aparece aqui a primeira especificação precisa da categoria simples, a sua generalidade. O trabalho é uma categoria simples quando ele é pensado como *trabalho em geral*, como trabalho sem determinações, como trabalho, simplesmente. A sociedade complexa em que a categoria simples completa o seu desenvolvimento surge agora, no caso do trabalho, por exemplo, como aquele em que concretamente é possível uma determinação do trabalho, para o trabalhador, em que é possível para ele a passagem de um gênero de trabalho para outro. A sociedade complexa no seio da qual se produz a categoria do trabalho em geral é a sociedade em que concretamente existe o trabalho em geral.



“L’indifférence à l’égard d’un genre déterminé de travail présuppose l’existence d’une totalité très développée de genres de travaux réels dont aucun n’est plus absolument prédominant. Ainsi, les abstractions les plus générales ne prennent somme toute naissance qu’avec le développement concret le plus riche, où un caractère apparaît comme commun à beaucoup, comme commun à tous.” (grifado por Miriam L. Cardoso)

Enquanto a organização da produção é de tal ordem que o trabalho é sempre particularizado, especializado, em que o trabalhador de um ofício não tem condições de passar livremente a exercer outro ofício, não existe concretamente, praticamente, o trabalho em geral. Para estas sociedades, ele é uma categoria que expressa abstratamente a relação do trabalhador com o que ele produz, mas com essa é uma relação particular, específica, a categoria trabalho em geral não tem contrapartida precisa no real, não vale praticamente. Ela só se torna “verdade prática” na sociedade em que os gêneros de trabalhos reais são muitos, sem que nenhuma tenha supremacia efetiva sobre os demais, ou seja, em que na realidade mesma o trabalho pertença ao plano da generalidade e não mais ao da particularidade. É só numa sociedade desse tipo que pode ser formulada a categoria de trabalho em geral. Cada estágio marcado de desenvolvimento social cria, assim, pela própria amplitude e diversificação da sua realidade concreta, certos limites para a produção teórica. Não é em qualquer tempo que se pode produzir exclusivamente da capacidade e da disponibilidade teórica. Em última instância, a produção teórica deriva de condições reais.

“Cet exemple du travail d’une façon frappante que même les catégories les plus abstraites, bien que valables - précisément à cause de leur nature abstraite - pour toutes les époques, n’en sont pas moins sous la forme déterminée de cette abstraction même le produit de conditions historiques et ne restent pleinement valables que pour ces conditions et dans le cadre de celles-ci.”

As categorias mais simples são produtos das abstrações mais gerais. estas categorias-chave, que comandam a produção teórica, definem-se pois, pela sua simplicidade, pelo seu alto grau de abstração e pela sua generalidade. A sua generalidade indica que elas são válidas “para todas as épocas”. A categoria simples “trabalho” é a categoria “trabalho em geral”, trabalho “sans phrase”. Por ter na sua simplicidade a generalidade, ela se aplica a qualquer trabalho, em qualquer tempo ou lugar. Mas a abstração capaz de produzi-la é produto de condições históricas, no âmbito das quais, unicamente, ela é plenamente válida, trazendo consigo não só a verdade teórica, como também a verdade prática. Se unicamente nas sociedades mais complexas se produzem as abstrações mais gerais, por serem gerais estas abstrações se aplicam também às sociedades menos complexas organicamente ligadas à sociedade mais complexa. Contudo, estas abstrações só são inteiramente verdadeiras, nestas sociedades complexas no que elas têm de específico.

## 5. A ANATOMIA DO HOMEM É A CHAVE DA ANATOMIA DO MACACO

Começou-se pelo método, viu-se o papel do abstrato (conceito simples, determinação) na reprodução do concreto no pensamento, indagou-se sobre a relação dessa abstração com a realidade e agora, com a noção da importância que a fase do desenvolvimento da realidade social

assume para a produção das abstrações mais gerais, se toca de perto na história. Estava-se discutindo como proceder para estudar a economia de um país. A teoria subjacente a esse método supõe não só que esta economia é histórica, como principalmente que está na economia a determinação histórica. Para estudar essa totalidade, o que exige que se estude a sua história, é necessário estudar antes e acima de tudo a sua determinação última, isto é, a sua economia. O estudo da história da economia tem para este método e esta teoria, portanto, o significado de ser o estudo do determinante da totalidade social.

“La société bourgeoise est l’organisation historique de la production la plus développée et la plus variée qui soit. De ce fait, les catégories qui expriment les rapports de cette société et qui permettent d’en comprendre la structure permettent en même temps de se rendre compte de la structure et des rapports de production de toutes les formes de société disparues... L’anatomie de l’homme est la clef de l’anatomie du sing.”(grifado por Miriam L. Cardoso)

A sociedade mais complexa é identificada, no momento em que o texto é produzido, como a “sociedade burguesa”. Este tipo de sociedade, com seu desenvolvimento e com sua diversificação interna, permite criar abstrações gerais que as sociedades anteriores, menos desenvolvidas e menos ricas, não tinham condições de criar. Certamente o método sugere que sociedades posteriores à sociedade burguesa, mais ricas do que ela, permitirão por sua vez produzir categorias gerais que estão além das possibilidades da sociedade burguesa produzir. Dado um certo estado do desenvolvimento social, ele condiciona, pela riqueza e diversidade que possua, a produção de abstrações gerais - que dão conta especialmente desse mesmo estado, mas também de todos os outros que o antecedem. Se a análise da história é importante e se a análise deve ser conduzida por categorias (conceitos simples, determinações), a análise da história deve ser conduzida por categorias simples e gerais produzidas no estado mais avançado da própria história. A história que se propõe é, assim, sem dúvida, uma história balizada teoricamente. Qual o risco que corre? Ao ser conduzida por categorias construídas no presente, e sobre ele (presente como estado de desenvolvimento da sociedade), o grande risco que corre é ver o passado com os olhos do presente, isto é, deformar o passado à luz do presente, ou seja: o risco maior é o de perder a especificidade de cada momento histórico que se define como diferenciado de cada outro. Qualificando sem medo esse risco, podemos dizer que ele se refere à possibilidade de determinar as relações presentes no passado, o que é o mesmo que perder a história. Mas vejamos qual é a postura efetivamente proposta.

“L’anatomie de l’homme est la clef de l’anatomie du singe. Dans les espèces animales inférieures, on ne peut comprendre les signes annonciateurs d’une forme supérieure que lorsque la forme supérieure est elle-même déjà connue. Ainsi l’économie bourgeoise nous donne la clef de l’économie antique, etc. Mais nullement à la manière des économistes qui effacent toutes les différences historiques et voient dans toutes les différences historiques et voient dans toutes les formes de société celles de la société bourgeoise...Se donc il est vrai que les catégories de l’économie bourgeoise possèdent une certaine vérité valable pour toutes les autres formes de société, cela ne peut être admis que “cum grano salis”. Elles peuvent receler ces formes développées, étioilées, caricaturées, etc., mais toujours avec une différence essentielle.” (grifado por Miriam L. Cardoso)

A concepção de fundo aí é a da história como evolução: uma forma anterior conduz a uma forma posterior, que lhe é superior. Há um laço orgânico ligando os momentos entre si e esse laço é evolutivo. Cada momento que se defina como tal tem a sua unidade, a sua particularidade, a sua especificidade. Atender à especificidade dos momentos, quando se empreende a análise de todo o desenvolvimento, requer que não se perca a *diferença essencial* entre elas. A lição dada é no sentido de que se disponha de categorias gerais que na sua generalidade abranjam todo o desenvolvimento desde o ponto em que foram produzidas. A sua generalidade, apoiada numa abstração que é condicionada historicamente, lhes dá validade para todos os momentos anteriores ao da sua produção, inclusive e principalmente para este. Mas o que se requer principalmente desta generalidade é que ela permita determinar as especificidades de que se reveste nos diferentes momentos em que se encontra na realidade. Como a categoria é totalmente geral, porque totalmente simples, cabem-lhe todas as especificações. Que essas especificações correspondam às diferenças essenciais é o que o método recomenda. Ser capaz de demarcar essas diferenças essenciais é definir onde devem incidir os cortes na história, é periodizar. Como conseguir isso?

Comecemos pelo equacionamento do problema. Uma sociedade dificilmente é capaz de se ver criticamente. Somente em condições bem determinadas um momento histórico consegue fazer sua própria crítica. Isto não é menos verdadeiro para a forma mais evoluída do desenvolvimento social.

“Ce que l’on appelle développement historique repose somme toute sur le fait que la dernière forme considère les formes passées comme des étapes menant à son propre degré de développement, et, comme elle est rarement capable, et ceci seulement dans des conditions bien déterminées, de faire sa propre critique...elle les conçoit toujours sous un aspect unilatéral.”

Só se começa a conseguir os outros quando se consegue relativizar a si próprio. Enquanto a forma mais rica do desenvolvimento social vê as formas anteriores como etapas do seu próprio grau de desenvolvimento, não as vê senão a partir do seu próprio ponto de vista, centrada em si mesmo. deforma-as, concebendo-as de maneira demasiadamente ampla, e deforma-se, impedindo-se de vê-las no que elas tenham que não seja degrau para atingi-la.

A solução do problema é indicada como sendo a crítica, no caso a auto-crítica. Somente quando uma sociedade deixa de ser absolutizar e passa a ser, portanto, capaz de se assumir na sua própria particularidade e especificidade, é capaz de atingir, reconhecendo-as e conhecendo-as, outras particularidades e especificidades diferentes da sua, ainda que lhe sejam anteriores.

“...l'économie politique bourgeoise ne parvint à comprendre les sociétés féodales, antiques, orientales que du jour où eut commencé l'autor critique de la société bourgeoise.”

A auto-crítica de uma sociedade é antes de mais nada a capacidade de perceber sua própria singularidade no tempo, sua historicidade. Só surge quando a sociedade deixa de ser identificar com o passado, quando ao contrário, consegue se ver como diferente dele. A sociedade burguesa será entendida através da sua organização da produção. Para isso é preciso que defina qual a organização da produção que lhe é própria. Enquanto tenta compreender as organizações anteriores da produção a partir das relações de produção que são específicas da sua organização, na verdade não distingue essas outras da sua senão quantitativamente, senão como graus inferiores ou como apenas menos desenvolvidas do que ela. Até este momento a sociedade

burguesa não está admitindo na sua especificidade história, como organização da produção que é um produto histórico, ou seja, que surgiu num momento determinado e preciso da história e que não paralisará a história. Só quando eterniza suas próprias relações é que uma sociedade inicia a sua compreensão crítica. Só então as formas anteriores de organizar a produção poderão ser vistas na sua singularidade e não mais como raízes, origens, evocações, fantasmas ou ecos mais ou menos remotos da sociedade atual.

Quais são as conseqüências mais importantes deste argumento? A *primeira* é que para compreender uma dada organização da produção é necessário antes de mais nada empreender o estudo dela *na sua especificidade histórica*, e não recorrer ao passado, estudando outras formas anteriores de organização da produção. Se a organização da produção varia na história, ou, para ser mais precisa, se é a mudança de um modo de produção para outro que faz o desenvolvimento da história, para respeitar essa mudança das relações básicas da organização da produção, não cabe recorrer a outros modos anteriores para explicar um modo de produção determinado. A primeira grande conseqüência do argumento é, pois, negar a explicação genética. Dizer que a produção é histórica é justamente dizer que ela é específica no desenvolvimento histórico, que surge num momento determinado da história e se extingue noutro. Só ao supor um desenvolvimento histórico linear e que não contenha diferenças fundamentais entre seus momentos formadores é que se pode pretender uma história genética. É necessário, porém, atentar para que, se o argumento nega uma abordagem genética da história, nega também o seu oposto. O que ele está propondo não é que, por que não se deve conhecer o presente *pelo* passado, que se conheça o passado *pelo* presente.

A *segunda* grande conseqüência do argumento é que se dê atenção, *antes de tudo*, às diferenças essenciais.

“Si donc il est vrai que les catégories de l'économie bourgeoise possèdent une certaine vérité pour tous les autres formes de société, cela ne peut être admis que cum grano salis.” (grifado no original)

Todas as especificidades históricas têm que ser respeitadas, tanto a do presente, como as do passado. Justamente para respeitar a história, o conhecimento de uma organização histórica da produção não se atinge ao longo da história, em nenhum dos dois sentidos em que isto é possível, ou seja, nem do passado para o presente dessa organização da produção, nem dela para o presente. O presente, forma mais avançada de uma cadeia evolutiva, podem produzir-se conceitos simples e gerais que asseguram a compreensão não só dessa última forma, como também das anteriores, mas esse recurso só pode ser utilizado com o maior cuidado, primeiro, para não desfigurar as diferenças essenciais entre as formas, depois porque aquelas categorias simples só são verdadeiras na prática no período cuja diversidade e desenvolvimento lhe deram origem.

A terceira grande conseqüência do argumento é que, tanto “presente” como “passado” sejam entendidos em termos de “organização histórica da produção”. Quando se fala em presente se está falando da sociedade burguesa ou, se quisermos utilizar do modo de produção capitalista. Quando se fala em passado se está fazendo referência às sociedades feudais, antigas, orientais, ou como se dirá mais tarde, modos de produção feudal, antigo, asiático (cfme. prefácio). O presente aqui não quer dizer recentemente. Não é a conjuntura que importa. É toda a organização da produção que caracteriza o que Marx chama de sociedade burguesa. O presente é o último modo de produção completo, o modo de produção capitalista.

## 6. A ORDEM DAS CATEGORIAS

Chegamos ao que identifico como sexta parte do texto do método, quando se trata do plano de análise e da ordem das categorias nesse plano. Como montar a análise? Por onde começar?

Mantendo viva a idéia de que a realidade concreta subsiste, antes como depois de ser pensada, em sua independência, fora do espírito, e que a atividade deste não é mais do que teórica, temos que as categorias, por mais simples que sejam, têm sempre a realidade concreta como pressuposição e não mais do que parciais em relação a ela. Nenhuma categoria conseguindo dar conta do real na sua inteireza, cada categoria não sendo senão unilateral, é necessário tratar organizadamente as categorias no intento de atingir um conhecimento mais abrangente e mais profundo da realidade. A questão é saber a que deve atender a organização das categorias, ou qual o princípio organizador.

“Dans toutes les formes de société c’est une production déterminée et les rapports engendrés par elle qui assigne à toutes les autres productions et aux rapports engendrés par celles-ci leur rang et leur importance.”

Historicamente, a agricultura foi a primeira atividade produtiva de todas as sociedades que atingiram uma certa estabilidade. Quando o objeto de estudo são sociedades deste tipo, em que é a propriedade fundiária que domina, a análise deve começar pelas categorias que expressam essa dominância, diferentemente destas, a preponderância cabe ao capital, que domina tudo, que é o ponto de partida e o ponto de chegada. Para a explicação da sociedade burguesa, o capital deve, portanto, preceder a propriedade fundiária.

Cada modo de produção tem certas relações que determinam toda a organização da produção. As categorias que expressam essas relações têm necessariamente que preceder as que expressam relações que são determinadas por aquelas. A ordem das categorias, portanto, responde à ordem de importância relativa das relações que expressam, importância que é relativa à capacidade das relações em determinar a organização da produção. Tem precedência teórica a categoria que expressa as relações mais determinantes.

“Il serait donc impossible et erroné de ranger les catégories économiques dans l’ordre où elles ont été historiquement déterminantes... Il ne s’agit pas de la relation qui s’établit historiquement entre les rapports économiques dans la succession des différentes formes de société...Il s’agit de leur hiérarchis dans le cadre de la société bourgeoise moderne.”

Como esta sexta parte retorna à primeira, agora de maneira mais clara e mais precisa. O objeto que se quer conhecer é a sociedade burguesa. Propõe-se como método geral, no início, partir do abstrato (as determinações mais simples) para reproduzir esta sociedade no pensamento. Busca-se atingir teoricamente estas determinações procedendo à análise crítica dos conceitos finais que a teoria econômica precedente, de inspiração empirista, conseguiu produzir. Essa crítica se apoia no confronto rigoroso destes conceitos com a realidade, a partir da suposição primeira da exterioridade e anterioridade do real e da suposição segunda da sua

mutabilidade histórica. Somente sob determinadas condições históricas é possível produzir determinados conceitos.

Os conceitos simples encontram lugar da sua produção nas sociedades complexas. A sociedade que se quer estudar aparece como a mais complexa e a mais diversificada. Os conceitos que a explicarão deverão ser buscados na análise desta sociedade e não no passado, em sociedades anteriores a ela. A ordem em que esses conceitos serão trabalhados não será, pois, a ordem de seu aparecimento histórico, e sim uma ordem que seja significativa para a sociedade em estudo e o princípio que confere esta significação é o princípio de hierarquia teórica, que é o duplo do princípio de determinação real. Se há relações essenciais que organizam o real, seus conceitos organizarão o conhecimento desse real.